



Sara Leal*

Embaixadores do Açores 2027

Da Geografia com amor

“Uma candidatura a Capital Europeia da Cultura com o nosso sobrenome - Açores - é pura genuinidade. Podemos ser de uma rua, de um bairro, de uma freguesia, de uma cidade, de uma ilha, de um arquipélago.”

Embaixadora da Terceira Sara Leal.

São 9:30 da manhã. O rádio sintoniza as notícias frescas Inter-Ilhas ao som do trincar das torradas com manteiga e mel. Sei que faz sol nas Flores e chuva no Pico sem recorrer à imagem de satélite na palma da mão. São os *olheiros do tempo* que nos trazem as primeiras impressões meteorológicas.

As nuvens têm estatuto nos Açores. Do capacete à bruma, elas afirmam-se diariamente, estranhando-se o azul do céu, quando lhes rouba o protagonismo por um dia, limpo. E as nuvens falam connosco, dizem-nos se está vento em altitude, se acumulam chuva ou anunciam a sua vontade ao circundar os nossos montes. Se vivemos *esperançados na vulcanologia*, também a meteorologia vive dessa nossa esperança.

Os fenómenos em geral, atmosféricos, marítimos e ambientais, são constantes no nosso discurso. São *signos insulares*. Quando um açoriano fala do tempo, não é apenas uma forma de preencher conversa. Estamos ligados a esta terra e a este mar. Somos a nossa geografia. E gostamos de estreitar distâncias. Recordo-me de uma visita da minha amiga Stella, italiana do norte, que me perguntava por que ficava tão entusiasmada quando via São Jorge (o mais frequente na linha de água). Era uma redundância eu fazer notar a presença da outra ilha. Fez-me pensar, essa proximidade dá alento, faz-nos sentir acompanhados nesta nossa condição de ilhéu. É tão bom avistar outros faróis, perceber que há terra e gente atrás dessa luz. A nossa natureza é humana, procuramos continuidade geográfica. Ela está cá, e é o mar e o céu que nos ligam aos 9.

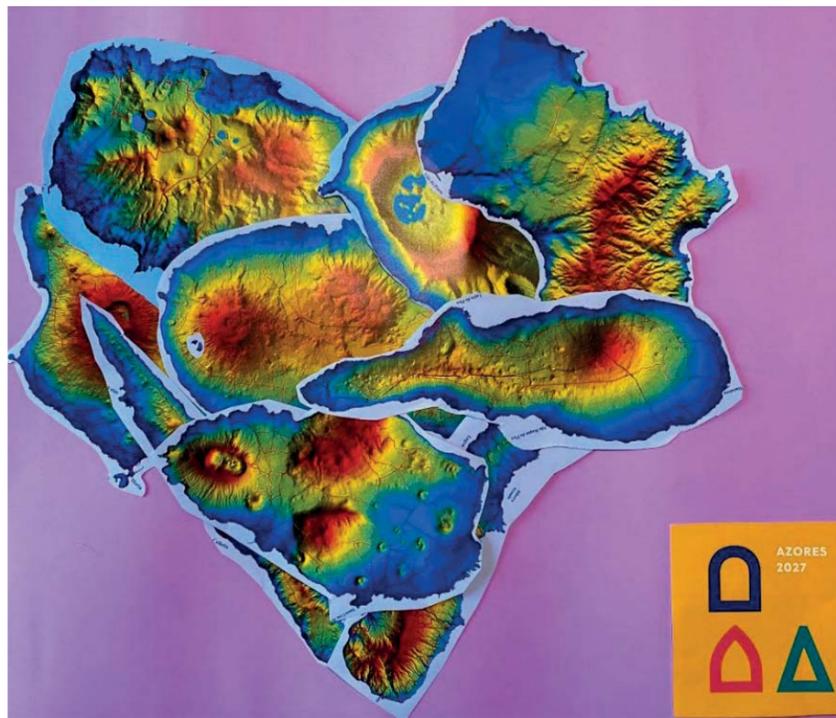
Uma candidatura a Capital Europeia da Cultura com o nosso sobrenome - Açores - é pura genuinidade. Podemos ser de uma rua, de um bairro, de uma freguesia, de uma cidade, de uma ilha, de um arquipélago. A matrioska de epítetos prossegue, mas um açoriano leva a bandeira no coração, seja a escrever, a viajar, ou mais literalmente em concertos pelo país e pelo mundo fora, onde se vê, tantas vezes, em haste num mar de gente. Um açoriano identifica-se. Gosto particularmente de dizer que moro num daqueles nove pontinhos que estão (nem sempre) no mapa (*thank you Google*). A imensidão de mar circundante e o grande zoom no ecrã geram sempre curiosidade e espanto.

É este signo insular que carregamos à nascença, ou à estadia prolongada, e que nos faz culturalmente ricos. Já formámos presidentes da república, acumulamos selos da UNESCO a nível de património e selos ambientais das zonas húmidas RAMSAR, fomos porto de rotas das especiarias, a nossa gastronomia é única por isso, prolongamos tradições seculares, do Espírito Santo ao Carnaval, somos artisticamente dotados a nível da música, da literatura, do teatro, noutras artes e também noutros ofícios. Somos açorianos, *macaronésios*, portugueses e gente do mundo (estamos espalhados por muitos países). Somos gente de mar e de terra. E precisamos de nos orgulhar, de trabalhar esta nossa autoestima colectiva. Nós somos bons e merecemos esse reconhecimento.

Ao longo destes últimos oito meses, duração da preparação desta primeira fase de candidatura, pude observar um arquipélago a conversar, houve troca de ideias entre gerações, entre ilhas, entre comunidades, houve contributos de ideias para o desenvolvimento, tivemos encontros virtuais e presenciais, fizemos reflexões com as Semanas de Estudo, publicámos a nossa gente na 9 Bairros (revista online), promovemos residências artísticas em todas as ilhas (9x9) e potenciamos projectos (Mão em Mão). Importante: fez-se um plano estratégico para o desenvolvimento cultural, e assinou-se um pacto estratégico de cooperação entre todas as ilhas. Isso é inédito. Essas são apostas já ganhas. E podemos ir

mais longe.

Na semana passada fui a uma escola primária, na Terceira, falar com alunos do 1º ano de escolaridade, portanto com idades entre os 6 e os 7 anos. Ficaram entusiasmados com a ideia de poderem acontecer tantas coisas entusiasmantes quando eles forem quase adolescentes. Não havia bairrismo instituído, todos falaram de outras ilhas com um brilho nos olhos, das Flores a São Miguel. O que eles querem é conhecer todo o território, e essa unidade tem um número: 9. Um dos rapazes da turma disse-me há muito tempo as ilhas eram todas uma, depois houve uma erupção e elas ficaram como estão hoje. - uma espécie de Pangeia com um fenómeno estromboliano. E basta ouvir uma criança para sabermos que é aqui o coração do mundo.



**Sara Leal nasceu no Porto, cresceu nos Açores, estudou e trabalhou em Lisboa e depois em Nova Iorque. Regressou às ilhas onde tem desenvolvido trabalho sobretudo no cinema.*

Autora de curtas-metragens, e de uma longa metragem documental sobre a Fajã de Santo Cristo.

Participou na primeira edição do Laboratório de imagem do Fuso Insular com o filme “Fake Plastic Flower”.

Co-fundou a Alga Viva Produções, onde realizou uma coleção de filmes sobre autores açorianos, como o filme J.H. Santos Barros – Fazer Versos Dói e, mais recentemente, Álamo Oliveira — Com Perfume e Com Veneno.

Faz vídeo-instalação, fotografia, que raramente mostra, e escreve. Atualmente é embaixadora da ilha Terceira da candidatura Açores 2027 - Ponta Delgada Capital Europeia da Cultura